

14 Outubro
1948

A VELHA ORDEM NOVA

134

Fala-se muito da nova ordem social e do mundo novo que ela vai gerar. Tudo novo, enfim!

E não admira. Os homens sentem dentro de si mesmos uma atracção irresistível para a novidade, para alguma coisa ou para alguém que lhes traga a redenção. O nosso «sebastianismo» não é um caso isolado. Existiu sempre em todos os tempos e em todos os povos, sobretudo nas horas amargas da desgraça. Este atavismo ancestral, nascido por certo da promessa do Redentor feita por Deus aos nossos primeiros pais, explica coisas inexplicáveis como, por exemplo, a redução que exercem sobre o espírito do povo certas doutrinas e formas de governo em si mesmas perfeitamente iguais a outras de que começa a descrever-se, ou até completamente falsas. Mas, como se trata de uma novidade, logo nos voltamos instintivamente para ela, fazendo-lhe a pergunta que João Baptista mandou fazer a Cristo: «és tu o que há-de vir, ou temos de esperar por outro?».

Tal é o caso da ordem nova. Basta acrescentar a qualquer ideia a palavra «nova», para se estar certo do seu bom acolhimento.

Ninguém sabe o que virá a ser essa ordem nova e cada dia que passa menos o sabemos. No entanto, esperamos ansiosamente por que ela venha trazer-nos a paz e a felicidade que ainda não conseguimos obter.

Mas, afinal, já Salomão nos advertiu que nada existe de novo debaixo do sol. Tudo é velho e revelho, e quem dera que a ordem nova viesse a ser a ordem velha velhíssima de um milénio, preparada com tanto cuidado pelos «velhos» pregadores da justiça e derrubada com tanto afan pelos «novos» redentores do povo!

A ordem nova será verdadeiramente esperancosa se repousar sobre os alicerces da tradição cristã, dessa tradição de cavalheirismo e de renúncia que gerou, por exemplo, os heróis da nossa gloriosa História. Então pensava cada um em proporcionar aos outros a felicidade, ao contrário de hoje, em que busca cada qual a felicidade para si.

O povo, na sua sapientíssima filosofia, chamou a esta desgraçada ambição «puxar a brasa para a sua sardinha». E o que é certo é que, puxando cada um a sua brasa para si, a fogueira desaparece, ficando todos sem luz nem calor. Se, porém, concordássemos em assar a nossa sardinha no braseiro comum, ficaria ela mais bem assada e não faltariam brasas a ninguém.

A nova ordem ou entra neste caminho, ou será, mais uma vez, uma ordem só de nome, pela qual não valerá a pena batermo-nos.

Ora, este caminho foi traçado há dois mil anos pelo Evangelho. Seguido fielmente pela multidão sempre maior dos crentes, conseguiu estabelecer no mundo uma «ordem nova» que durou cerca de oito séculos permanentemente aperfeiçoamento e que só veio a ser destruída quando os crentes se esqueceram da sua crença, gerando uma multidão de cristãos que nunca leram sequer o Evangelho, e se esqueceram, por isso mesmo, da doutrina d'Aquela de que se dizem discípulos.

Não vale a pena demorarmo-nos na recordação desse amor encendido de justiça, virtude primeira de todo o cristão, nem recordar as maravilhas que ela gerou nas relações sociais. Citaremos apenas um pequeno trecho de Santo Ambrósio, que viveu no IV século e o encheu todo, juntamente com outros luminares do Cristianismo, com a luz fulgurante do seu espírito.

Santo Ambrósio — quem dera que houvesse destes homens no século XX — escreveu: «Duas são as colunas que sustentam a ordem social: a justiça e a caridade que também se deseja com os nomes de liberalidade, beneficência, e benignidade. A justiça é mais sublime, a caridade mais humilde; aquela é mais severa, esta mais doce».

E depois de fazer a história do pensamento humano sobre o conceito da justiça e da benignidade, escreve ainda: «E' manifesta vontade de Deus que nos auxiliemos mutuamente uns aos outros, que rivalizemos em prestarmos-nos mutuo auxilio, que punhamos em comum tudo o que valemos, e, servindo-nos da expressão da Sagrada Escritura, que nos ajudemos uns aos outros em todas as ordens: na intelectual, na moral e na económica. Essa ajuda deve traduzir-se

FORUM ABEL VARZIM

DESENVOLVIMENTO

sempre em obras práticas para que vá sempre em constante aumento esse espírito de companheirismo e de solidariedade.

«Grande é pois a justiça que, desatinada antes a benefícios aos outros do que àquele que a pratica, fomenta esse espírito de familiaridade e de solidariedade. E' tão sublime que tudo está submetido ao seu império, presta favor aos outros, socorre-os com dinheiro e não falta ao cumprimento dos seus deveres ainda que tenha de expôr-se a mil perigos».

Estas palavras, escritas há 16 séculos, bem poderiam servir de meditação aos homens sobre cujos ombros pesa a responsabilidade da construção da ordem nova.

Temos para nós que, se não edificarem sobre estas bases tão simples, tudo será novamente perdido, e teremos de esperar, uma vez mais, por outra ordem nova, que só virá a ser a verdadeira ordem nova quando se convencer que nada há de novo a inventar nas relações sociais, senão a maneira prática de voltar no século das guerras mundiais, àquele preceito tão simpático do Evangelho: «amai-vos uns aos outros».

ABEL VARZIM.